



## A SELEÇÃO DE FUTEBOL VAI AO INTERIOR: RIVALIDADE INTERIORANA, IMPEACHMENT DO PRESIDENTE COLLOR, IMPrensa E FUTEBOL EM PARANAÍ-PR (1992)

Cássio Augusto Guilherme<sup>i</sup>

Professor do Departamento de História da  
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

### RESUMO

Este artigo tem o amistososo entre as seleções de futebol de Brasil e Costa Rica, realizado no pequeno município de Paranaíba-PR, como promotor da discussão de três temas relacionados à partida de futebol: as movimentações políticas dos parlamentares paranaenses em torno do processo de impeachment contra o presidente Collor; a rivalidade interiorana devido à hospedagem e treinamento da seleção de futebol entre os vizinhos municípios de Maringá e Paranaíba; o futebol da seleção comandada por Carlos Alberto Parreira, em preparação para as Eliminatórias da a Copa do Mundo de 1994. Como fonte, além da bibliografia pertinente, utiliza-se a imprensa local e nacional. O objetivo é mostrar que a pesquisa sobre um determinado o evento cultural pode ampliar o debate e o conhecimento sobre temas políticos, econômicos e sociais a ele relacionados.

**Palavras-chave:** futebol; política; imprensa.

### ABSTRACT

This article has the friendly match between the national soccer teams Brazil and Costa Rica, in a small town called Paranaíba-PR, as a promoter of the discussion about three themes related to the football match: the political movements of the paranaenses parliamentarians around the process of impeachment against President Collor; the provincial rivalry between the neighboring cities Maringá-PR and Paranaíba-PR due to the hosting and training of the football team; the soccer of the selection commanded by Carlos Alberto Parreira, in preparation for the World Cup Qualifiers. As a source, in addition to the pertinent literature, we use the national and local press. The goal is to show that research on a particular cultural event can broaden the debate and knowledge about political, economic and social issues related to it.

**Keywords:** soccer; politics; press.

## Introdução

Houve um tempo em que a seleção brasileira de futebol disputava seus amistosos em cidades do interior do Brasil<sup>ii</sup>. Para além da diversão proporcionada ao público pouco acostumado a ver de perto os principais atletas de futebol do país, estes eventos, realizados às vezes em cidades de pequeno e médio porte, também significavam ótima oportunidade eleitoral para as lideranças políticas locais e regionais. Também a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) usava politicamente os amistosos, visando ao apoio das Federações estaduais às constantes reeleições do presidente da Confederação.

Final do mês de setembro de 1992. A população brasileira assistia e se mobilizava com o desenrolar da crise política que levaria a Câmara dos Deputados a abrir o processo de *impeachment* contra o presidente Fernando Collor de Mello (PRN). O pequeno município de Paranaíba, no noroeste do estado do Paraná, recebeu a seleção brasileira de futebol para um amistoso que inaugurou seu Estádio Municipal. No contexto de eleição municipal, não faltaram boatos e acusações de promoção eleitoral para os políticos locais. No contexto nacional, o presidente da Federação Paranaense de Futebol (FPF), um dos deputados federais a defender a inocência do presidente, esperava que o amistoso amenizasse sua impopularidade no estado.

O objetivo deste artigo é testar a viabilidade de, ao ter como pano de fundo um

evento cultural – no caso, uma partida de futebol –, estimular em estudantes de variados níveis, o primeiro contato com fontes jornalísticas que o force a observar diversos aspectos da sociedade. Assim, este artigo trata de três temas relacionados ao jogo da seleção brasileira de futebol: primeiro, as movimentações políticas em torno do processo de impeachment contra o presidente Collor, com foco especial nos parlamentares paranaenses; segundo, a rivalidade interiorana devido à hospedagem e treinamento da seleção de futebol em Maringá-PR e apenas o jogo em Paranaíba, o que opôs os políticos de ambas as cidades em busca de dividendos eleitorais e financeiros; por fim, discutimos o futebol da seleção comandada por Carlos Alberto Parreira, em preparação para as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1994.

Como fontes, além da bibliografia pertinente aos temas aqui trabalhados, utilizamos diversos veículos de imprensa<sup>iii</sup>. Tania Regina de Luca defende que, uma vez aplicadas as metodologias próprias do trabalho historiográfico destinadas à análise documental, além de se fazer uma “História **da** imprensa”, é possível mobilizar tais fontes para uma escrita da “História **por meio da** imprensa” (2011, p. 111 – grifos da autora). No caso das páginas esportivas, encontramos nos periódicos, às vezes com riqueza de detalhes, os principais lances dos jogos, falas dos atletas envolvidos, reações das torcidas e dos dirigentes, polêmicas dentro e fora das quatro linhas e opiniões de cronistas. Nos periódicos publicados em Maringá e Paranaíba, é

possível observar as disputas políticas locais e o olhar para a política nacional a partir do interior, em especial a ênfase em atores políticos de menor expressão nacional.

### **Setembro de 1992: o *impeachment* e os políticos paranaenses**

O presidente Fernando Collor de Mello foi eleito em 1989 com um discurso neoliberal na economia e moralizante na política. No poder, não conseguiu debelar a hiperinflação herdada, viveu às turras com o Congresso e logo surgiram denúncias de corrupção contra seus assessores mais próximos. Seu governo viveu em meio a constantes crises políticas, econômicas e morais (GUILHERME, 2019). A insatisfação popular (CARVALHO, 2012) com a economia, as disputas do Executivo com o Congresso e o círculo de corrupção em volta do Planalto, receberam o reforço das denúncias feitas pelo irmão Pedro Collor, que ligou diretamente o presidente ao esquema comandado por Paulo César Farias (PC Farias), tesoureiro de campanha e amigo pessoal do presidente. Aberta a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar o “esquema PC”, o desenrolar dos fatos atingiu em cheio o presidente que já não gozava de popularidade ou grande sustentação parlamentar (SALLUM JR, 2015).

No começo de setembro, a Ordem dos Advogados do Brasil protocolou pedido de *impeachment* contra Collor de Mello. O presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB),

que já havia arquivado outros 28 pedidos, aceitou este e o processo teve início. Nos mesmos dias em que a seleção de futebol se preparava para o amistoso em Paranaíba, a Comissão da Câmara se preparava para votar o relatório do deputado Nelson Jobim (PMDB) que autorizava o prosseguimento do processo a ser definido pelo plenário da Casa.

Enquanto a Comissão do *impeachment* tentava votar o relatório, o governo usava várias manobras jurídicas e políticas para tentar sobreviver. A defesa era capitaneada pelo então consultor jurídico da presidência, Gilmar Mendes. O Supremo Tribunal Federal (STF), em sessão transmitida ao vivo pela televisão, rejeitou recurso de Collor contra o rito do *impeachment* definido pela Câmara dos Deputados e, assim, confirmou que a votação do parecer da Comissão no Plenário seria aberta. Na avaliação da *Folha de S. Paulo (FSP ou Folha)*, “Supremo facilita o trabalho da oposição”<sup>iv</sup>. Nestes mesmos dias, os grandes jornais paulistanos estão cheios de novas denúncias contra Collor, sua esposa, PC Farias e até mesmo a ex-ministra da Economia, Zélia Cardoso, a partir do inquérito aberto na Polícia Federal para investigar o que a *Folha* chamava de “Collorgate”<sup>v</sup>.

Na Comissão da Câmara, Collor protocolou defesa pedindo a oitiva de 20 testemunhas. Segundo a *FSP*, era uma evidente manobra para adiar a tramitação<sup>vi</sup>. O deputado Nelson Jobim (PMDB), relator da Comissão, negou o recurso alegando que caberia à Câmara

apenas admitir a abertura do processo, sendo a defesa apresentada em fase posterior no Senado<sup>vii</sup>. Por fim, o relatório de Jobim a favor da abertura do *impeachment* foi aprovado na Comissão por 32 votos contra 1 voto, dado pelo deputado Humberto Souto (PFL). Os deputados governistas na Comissão, todos do PFL, PSD, PRN e PTB, sequer compareceram à votação, com destaque para Abelardo Lupion (PFL), do Paraná, e Roberto Jefferson (PTB), principal aliado do presidente Collor<sup>viii</sup>. O presidente da Câmara marcou a votação pela admissibilidade do *impeachment* para o dia 29 daquele mês.

Durante o governo Collor, apenas PT e PCdoB fizeram oposição ostensiva. Em vários momentos, os centristas do PMDB, PSDB e esquerdistas PDT flertaram com o Planalto. A base collorida era liderada pelos partidos à direita, como PFL (atual DEM), PSD, PRN, PDS (atual PP), PTB e outros fisiológicos. Apesar da hesitação inicial dos partidos de centro, vendo que o *impeachment* era popular e inevitável, passaram então a engrossar as fileiras da oposição. O senador e ex-presidente, José Sarney, e o deputado e candidato derrotado na eleição anterior, Ulysses Guimarães, nomes proeminentes no Congresso, ficaram “escalados” para abordar e convencer deputados governistas a abandonarem o governo, em especial os integrantes das bancadas evangélica e ruralista<sup>ix</sup>.

Naquele fim de setembro, para tentar garantir votos que o livrasse da abertura do *impeachment*, o governo atuou em várias frentes políticas. O deputado Roberto Jefferson,

“principal representante na Câmara da ‘tropa de choque’ governista” prometia uma reforma ministerial para garantir votos no Plenário em troca de “distribuição de cargos do primeiro escalão entre deputados”<sup>x</sup>. Fracassada esta tentativa por falta de interessados em assumir o ônus governista, o mesmo deputado declarou à *FSP* que, a partir de então, a única estratégia do governo era tentar impedir o quórum de parlamentares no dia da votação em Plenário<sup>xi</sup>. Após a saída do ministro Jorge Bornhausen (PFL), coube ao ministro Ricardo Fiúza (PFL) o papel de principal coordenador da articulação pró-Collor na Câmara. Fiúza liberou verbas a deputados que se diziam “indecisos” sobre a votação do *impeachment* no Plenário. Governistas se diziam confiantes e possuidores de 106 votos garantidos a favor de Collor<sup>xii</sup>.

Enquanto isso, o vice-presidente Itamar Franco se movimentava nos bastidores políticos. Embora tenha saído de Brasília rumo à sua cidade natal de Juiz de Fora, Itamar já discutia nomes para o ministério e a formação de uma base partidária. Segundo a *Folha*, o deputado José Serra (PSDB) era o preferido da elite paulistana para assumir a Economia. Interlocutores políticos do vice-presidente, como o senador Pedro Simon (PMDB), prometiam um governo de “entendimento nacional”. O que atrapalhava era a imagem de “estatizante”, contra as privatizações – o *Estadão* fez editorial<sup>xiii</sup> para reafirmar a Itamar a posição do jornal a favor das privatizações, como toda a grande imprensa fez (FONSECA, 2005) – e a

abertura econômica, mas principalmente, o espectro de um governo em que o Partido dos Trabalhadores (PT) e Lula, principais expoentes da resistência social ao governo Collor desde a votação em 1989, ocupasse ministérios de destaque, como a Agricultura<sup>xiv</sup>.

Fato é que, com o avanço dos dias e a certeza de que a abertura do processo de *impeachment* era fato consumado, diariamente os jornais noticiam a debandada de políticos governistas. O ministro Nelson Marchezan (PDS, atual PP) prometia deixar o governo. O deputado Rubem Medina (PFL), promotor do Rock in Rio, anunciou adesão ao *impeachment*. Deputados do PFL mineiro faziam o mesmo. O líder do governo, deputado Humberto Souto (PFL) se reunia com o presidente do partido, Antônio Carlos Magalhães, para contar os votos que o partido, principal aliado de primeira hora de Collor, ainda daria ao presidente<sup>xv</sup>.

Na eleição legislativa de 1990, o estado do Paraná foi o que mais elegeu deputados federais do PRN (08 no total), partido criado por Collor um ano antes para concorrer à presidência. Segundo o interiorano *O Diário de Maringá*, a bancada de deputados federais paranaense era a mais “indecisa” em relação ao *impeachment* presidencial. Dos 30 deputados do estado, 05 se declaravam, naquele momento, contra o afastamento de Collor<sup>xvi</sup> e outros 08 se diziam indecisos – eufemismo para “contrários” com receio em assumir posição a favor do presidente<sup>xvii</sup>. O mesmo jornal noticiava que “Deputados governistas abandonam Collor”, por

temerem a “hostilidade de suas bases eleitorais” e enfatizava a debandada dos políticos locais. O deputado e radialista Pinga-Fogo de Oliveira (PRN)<sup>xviii</sup>, deu declarações ao jornal justificando sua recente mudança de posição, feita após consultar sua base eleitoral<sup>xix</sup>.

Dentre os deputados federais eleitos pelo povo do Paraná, estava um personagem central para a ida da seleção de futebol a Paranaíba. Onaireves Nilo Rolim de Moura (PTB), empresário, ex-presidente do Clube Atlético Paranaense e ex-diretor da CBF, era o presidente da FPF desde 1985. Em 1990 ele foi eleito um dos representantes do povo paranaense na Câmara dos Deputados. Envolvido em polêmicas fiscais e de bingos à frente da FPF, era um 227 deputado inexpressivo, mesmo entre o “baixo claro” parlamentar, até que, em 16 de setembro, abriu sua casa em Brasília para um jantar oferecido por parlamentares governistas do PTB, PDC e PFL ao presidente Collor de Mello. Entre uma picanha e um uísque, Collor se mostrou descontrolado ante o eminente afastamento da presidência e dirigiu improperios contra opositores, imprensa e ex-aliados, o que piorou ainda mais sua situação política<sup>xx</sup>.

Naqueles dias, o jornal curitibano *Correio de Notícias* deu destaque ao deputado Onaireves Moura. O deputado do “fatídico jantar dos palavrões de Collor” seria um mero “desconhecido e obscuro” parlamentar. Em matéria do jornal, Moura negou ser um “governista incondicional”, reclamou que Collor não estava tendo direito a se defender, negou que



o jantar fora oferecido ao presidente e lamentou o vazamento das falas no convés. O deputado também se recusou a declarar como votaria no Plenário do *impeachment*<sup>xvi</sup>.

### **Um amistoso, um estádio e muita intriga política interiorana**

Futebol e política se misturam desde sempre. Muitos políticos se tornam dirigentes de futebol, mas principalmente, muitos dirigentes de futebol aproveitam a popularidade e a paixão das torcidas para se elegerem políticos. Na Câmara dos deputados, a atuação da Bancada da Bola, formada por parlamentares com vinculação aos interesses de clubes de federações, é intensa. Onaireves Moura usou da presidência da FPF para angariar apoios e votos de dirigentes esportivos das equipes profissionais, mas principalmente, dos dirigentes e clubes vinculados às ligas amadores em todo o interior do estado.

Trabalhos acadêmicos de História apontam que “à medida que o futebol caía no gosto popular, foi se acelerando no mesmo ritmo sua utilização como instrumento político” (FRANCO JR, 2007, p. 168) e os políticos nacionais tentam se aproximar do futebol desde, pelo menos, os anos 1930. Getúlio Vargas atuou pela profissionalização dos atletas, criou o Torneio Rio-São Paulo e entidades para organizar o futebol. Nas primeiras edições do Campeonato Brasileiro de futebol, no início da década de 1970, critérios políticos definiam a

quantidade de vagas por estado. No final da década já com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) presidida pelo almirante Heleno Nunes, três vezes deputado federal e presidente da ARENA, o Campeonato Brasileiro foi “transformado em moeda de troca política de forma mais escandalosa” (SANTOS, 2015, p. 141), até atingir o incrível número de 94 equipes, de quase todos os estados da federação, em 1979.

Também políticos que tinham apenas pretensões municipais utilizam o futebol como agregador de votos. Em cidades de médio porte, há o apoio, financeiro ou simbólico aos times profissionais que disputam o campeonato estadual. Em cidades de pequeno porte, o apoio aos times que disputam os campeonatos amadores. Em ambos os casos, tais municípios são, geralmente, dirigidos politicamente por empresários e fazendeiros locais, que costumam ceder terrenos para a construção de campos, ou mesmo suas propriedades/clubes particulares para a prática do futebol nos finais de semana. No caso do amistoso da seleção de futebol em Paranaíba, estava-se a dez dias das eleições municipais. 228

O *Estadão* foi bem direto em sua manchete: “Política ajuda Paranaíba a receber o time de Parreira”, devido a um “tráfico de influência” do deputado Onaireves Moura. A *Folha* manteve o tom: “Prefeito usa a seleção no PR para eleger sobrinho”. O município de Paranaíba era administrado por Rubens Felipe (PMDB – ex-PDS), pertencente a uma tradicional família de empresários locais. Seu

sobrinho, José Augusto Felipe (PMDB), era um dos três candidatos a prefeito naquela eleição de 1992. Paranaíba tinha, à época, 75 mil habitantes. O Estádio Municipal, com capacidade declarada para 25 mil pessoas, foi construído em uma área na entrada da cidade então degradada por uma enorme erosão e custou Cr\$ 4 bilhões. “Livramo-nos do buraco e ganhamos um belo estádio”, declarou o prefeito, que ainda garantiu ao OESP que a obra é “absolutamente segura” e inspirada “em alguns bons estádios da Inglaterra”<sup>xxvii</sup>.

O jornal paranavaense, *Diário do Noroeste (DN)*, estampou uma foto em que Onaireves Moura posa ladeado pelo prefeito e seu sobrinho-candidato, tendo o estádio ao fundo. Em editorial, o jornal, que era dirigido por Saul Bogoni, candidato a vice em chapa oposicionista, comentou a construção do estádio “admirada por alguns e contestada por outros”. O jornal reconheceu que a maioria dos munícipes apoiava a construção e que a presença da seleção significava dia de “orgulho” para todos. O editorial comenta as críticas ao estádio e a preocupação sobre sua futura utilização, uma vez que a equipe local do Atlético Clube Paranaíba (ACP) não tinha tradição de bons resultados estaduais e, naquele ano, disputava a segunda divisão do estadual. O *DN* repercutiu, ainda, os jornais paulistanos que viam o amistoso pela ótica do jogo político, dando à Paranaíba “não o status de uma cidade grande, mas de uma cidade provinciana”, tirando o “brilho que a divulgação poderia ter dado a Paranaíba”. Para o jornal,

“intriga à parte, o que importa realmente é a presença da seleção” na cidade<sup>xxviii</sup>.

A seleção de futebol não ficou hospedada em Paranaíba, pois a cidade não possuía hotel 4 estrelas. A solução foi ficar na vizinha Maringá, maior e com variedade hoteleira. Na ótica do *Estadão*, Onaireves Moura, o organizador do amistoso, demonstrou grande “astúcia política”, agradando tanto a população quanto os políticos de dois importantes municípios do noroeste paranaense. A seleção saiu do Rio de Janeiro, fez escala em Curitiba e desembarcou em Londrina, de onde pegou um ônibus paga chegar em Maringá apenas no fim da tarde do dia 21, uma segunda-feira<sup>xxiv</sup>. A complicada logística atrapalhou os planos do técnico Parreira e também dos políticos locais.

Inicialmente, o *Diário do Noroeste* divulgou que a seleção faria um treino em Maringá no dia 21 e outro em Paranaíba no dia 22<sup>xxv</sup>. Porém, o atraso na chegada fez a comissão técnica da seleção cancelar a primeira atividade e se formou um impasse. Na visão da CBF, não fazia sentido viajar 75 km de ônibus para ir até Paranaíba apenas para um treino e voltar no dia seguinte para o jogo. Criou-se o embaraço entre os políticos regionais e abriu-se o “duelo entre Maringá e Paranaíba pela posse da seleção brasileira”. Políticos locais disputavam “ombro a ombro” as fotos com os craques do futebol<sup>xxvi</sup>.

O prefeito Rubens Felipe foi até Maringá recepcionar a seleção<sup>xxvii</sup> e admitiu que Paranaíba não tinha infraestrutura para hospedar os atletas, dizendo que a cidade estava satisfeita

em “ver o grande Raí em campo”. Um comerciante ouvido pelo *Correio de Notícias* não via o amistoso como jogada eleitoral e agradeceu Onaireves Moura por “trazer a seleção para cá [Paranavaí]”<sup>xxviii</sup>. O *Jornal do Povo (JP)*, de Maringá, reclamou que os atletas não deram muita importância para a imprensa local e aos vários torcedores que os aguardava em frente o hotel e sugeriu que Parreira desse aos seus comandados uma dose de “desconfiômetro”. Segundo o jornal maringaense, Raí foi a única exceção a atender os populares<sup>xxix</sup>.

A frente do Hotel Deville, no centro de Maringá, virou ponto de espera para tientes, torcedores e curiosos. Mas os atletas, “alheios aos caçadores de votos”, permaneceram em seus quartos. Lá embaixo, o *Estadão* registrou os gritos de “rei, rei, rei, Raí é nosso rei” e, durante a madrugada, “garotas estacionaram um carro em frente ao hotel para clamar por Renato Gaúcho, em vão”<sup>xxx</sup>. O *Diário* registrou a grande quantidade de crianças e adolescentes que faltaram às aulas para ficar em frente ao hotel na esperança de um autógrafo dos jogadores, mas apenas os goleiros Carlos e Gilmar, além do meia Júnior, distribuíram alguns<sup>xxxi</sup>.

Desde antes da chegada da seleção à região noroeste, outra disputa opunha maringaenses e paranavaenses: definido que o time treinaria no Estádio Willie Davids (WD), em Maringá, o desacordo era sobre a cobrança de ingresso e o destino do dinheiro a ser arrecadado. O prefeito de Paranavaí e o presidente do ACP, esperavam ficar com a renda

do treino para “abater as despesas” com o pagamento da hospedagem das seleções, bancadas pelo município<sup>xxxii</sup>. Porém, o presidente do Grêmio Maringá (GEM), equipe profissional da cidade, pretendia o mesmo. Os jornais locais falavam que os dirigentes planejavam cobrar Cr\$ 5 mil para a arquibancada descoberta e Cr\$ 10 mil para a coberta<sup>xxxiii</sup>. A pretensão do ACP revoltou os dirigentes do GEM, que não concordavam sequer com a divisão do valor a ser arrecadado. Os dirigentes do ACP, por sua vez, diziam ter respaldo da CBF e da prefeitura de Maringá para explorar comercialmente o treino. A CBF disse que era “um problema local” e não se envolveria na discussão. Houve bate-boca dos cartolas através da imprensa local<sup>xxxiv</sup>.

230

Às 18:00 da terça-feira, a seleção treinou no WD, em Maringá. Desde o início, o *Jornal do Povo* se posicionou contra qualquer cobrança, afinal, “o maringaense nunca assistiu a um jogo da seleção principal e quando tem a oportunidade de assistir um treino vai ter que pagar?”<sup>xxxv</sup>. Cinco mil pessoas compareceram e, por determinação da Prefeitura de Maringá, não houve cobrança de ingressos. Parreira organizou um treino coletivo cujo único gol foi marcado pelo meia Raí. Segundo *O Diário*, antes mesmo do fim do treino, “um batalhão de caçadores de autógrafos invadiu o gramado e os jogadores e comissão técnica tiveram que sair correndo para o vestiário”<sup>xxxvi</sup>. O *JP* deu mais detalhes sobre o treinamento, chamou de “uma verdadeira zorra”, cheio de “‘sapos’ em volta do gramado” e “tientes de todas as idades” que invadiram o campo.



Poucos jogadores deram autógrafos e entrevistas (Raí, Muller, Gilmar e Zinho), enquanto Renato Gaúcho “saiu dando pernadas e empurrões até chegar aos vestiários”. Tudo, segundo o jornal, culpa do “policimento ineficiente”<sup>xxxvii</sup>.

A polêmica sobre a cobrança de ingressos para o treino seguiu repercutindo na imprensa local pelos dias seguintes. O *Jornal do Povo* foi o mais incisivo. Lembrou aos dirigentes do GEM que o estádio é municipal e não do clube: “a carona que a atual diretoria quis tomar foi pro brejo [...] seria um bom momento da atual diretoria demonstrar a sua competência e pedir, por escrito, desculpa a confederação. E ainda querem dirigir o futebol da nossa cidade. Dessa maneira?”. E completou: “É por isso que nossa cidade, em termos futebolísticos, não chega a lugar nenhum”. No dia seguinte, voltou ao assunto. Escreveu que os dirigentes de Paranaíba não tinham nada que se meter a querer explorar o treinamento em Maringá. Revoltado, o mesmo jornal provocou: “Depois, nós, maringaenses, não gostamos quando os londrinenses nos chamam ‘habitantes de uma fazendola iluminada’”<sup>xxxviii</sup>.

O amistoso foi marcado para as 22:15 da quarta-feira. O horário incomum foi uma exigência da *Rede Globo de Televisão*, para poder encaixar em sua grade noturna o horário eleitoral e a novela. Segundo o *Estadão*, os ingressos custavam caro: Cr\$ 30 mil a arquibancada e Cr\$ 50 mil a cadeira coberta. Esperava-se vender toda a carga de 25 mil ingressos, numa renda prevista em Cr\$ 800

milhões, mas o jornal publicou que “a prefeitura não vai se contentar com o limite da capacidade e pretende colocar 5 mil entradas a mais”<sup>xxxix</sup>. No dia do jogo, a cidade de Paranaíba estava enfeitada com bandeiras verde-amarelas e o comércio fechou as portas às 16:00. A Justiça local proibiu qualquer manifestação eleitoral no estádio e seu entorno<sup>xl</sup>.

Desde o meio da tarde, “filas intermináveis” cercavam o Estádio Municipal que ficou lotado duas horas antes do início do jogo. A prefeitura ofereceu ao público uma série de inusitadas apresentações locais, muito bem reportadas pelo *Diário do Noroeste*:

“Banda Lira do Noroeste, fanfarras do Colégio Doutor Marins de Camargo, fanfarras da Unidade Polo, fanfarras da Fundação Bradesco, um número de dança das alunas da escola Enira de Moraes Ribeiro e a apresentação dos alunos da Academia de Karatê Tradição. Um momento bonito da noite foi o show pirotécnico”<sup>xli</sup>.

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, ladeado pelo prefeito municipal Rubens Felipe e o deputado/presidente da FPF, Onaireves Moura – este vaiado pelo público presente no estádio – fizeram a solenidade de inauguração do Estádio Municipal. Na cobertura da *Folha*, a cidade viu uma noite que demorará para ser esquecida: na arquibancada teve uma faixa da “Torcida *Impeachment* – Fora Collor” e muitas “ôlas, ufanismo [...] e um locutor que, emocionado, soltou pérolas como: ‘anunciamos a presença do presidente da Confederação Brasileira de Desportos, Renato Teixeira’”<sup>xlii</sup>.

O diário paranavaense estava empolgado com a inauguração do Estádio Municipal, obra “considerada uma das melhores do Brasil em termos arquitetônicos”. Segundo o periódico, os cronistas esportivos que estiveram na inauguração, “elogiaram o Estádio Municipal. Consideraram moderno e muito bonito”, fazendo vergonha aos estádios do Rio de Janeiro. Apesar disso, o placar eletrônico não funcionou e a cerveja era vendida a Cr\$ 5 mil o copo, “numa grande exploração” que poucos reclamaram, mas outros “ficaram nos bares tomando cerveja” e “quase não olhavam para o gramado onde o jogo se desenvolvia”<sup>xliii</sup>.

Depois do jogo, outra polêmica nos jornais locais. Afinal, qual foi o público? A FPF, que pagou os US\$ 300 mil de cachê para a CBF era a responsável pela contabilidade e ficaria com a arrecadação. Oficialmente, foi contabilizado 18.430 pagantes, para um público total de 22.458 pessoas e renda de Cr\$ 617 milhões. De início, percebe-se que foram distribuídos cerca de 4 mil ingressos cortesia. *O Diário* de Maringá ouviu o tesoureiro da FPF, que admitiu ter mais ou menos 28 mil pessoas” no estádio<sup>xliv</sup>. *O Diário do Noroeste* mostrou em fotos que o Estádio Municipal estava completamente lotado, reconheceu que havia ao menos 30 mil pessoas no local, reportou que “as pessoas se acotovelavam e muitos tiveram que assistir ao jogo em pé” e concluiu: “É um problema para o deputado federal collarido Onaireves Rolim de Moura responder”<sup>xlv</sup>. Procurado pelo *O Diário*, tanto Onaireves quanto

o prefeito Rubens Felipe não foram encontrados para comentar o assunto.

### **Mas também teve futebol**

Em 1992, a seleção brasileira de futebol ainda tentava se recuperar da pífia campanha na Copa do Mundo da Itália em 1990 e da frustrada tentativa de renovação comandada pelo técnico Paulo Roberto Falcão. O ex-jogador havia sido comentarista televisivo na Copa. “A escolha foi influenciada pelo sucesso de Franz Beckenbauer à frente da campeã Alemanha”, ou seja, um treinador sem experiência, mas com histórico de liderança e trajetória de craque. Torcedores e grande imprensa apoiaram a escolha que “serviu 232 para aliviar a pressão sobre os cartolas da CBF” (FARIAS, 2014, p. 83).

Falcão estreou com derrota (0 x 3) para a então limitada seleção da Espanha e só conseguiu a primeira vitória em abril de 1991, com o magro 1 x 0 sobre a Romênia. O treinador teve que convocar apenas atletas que jogavam no Brasil, numa época em que os principais jogadores já atuavam na Europa e não existia a “data FIFA”. A renovação incluiu alguns acertos, como Cafu (São Paulo), César Sampaio (Santos) e Mauro Silva (Bragantino), mas também muitos questionamentos (SILVA, 2010). A péssima campanha na Copa América de 1991 custou-lhe o emprego, mas não sem polêmica. Segundo o *Estadão*, “a CBF procura um treinador que aceite submeter a lista de convocados aos cartolas”<sup>xlvi</sup>, o que Falcão não admitia.

Na mesma reportagem, o jornal já apontava Carlos Alberto Parreira, como o favorito tanto de Ricardo Teixeira, como dos cartolas João Havelange e Nabi Abi Chedid. Parreira era considerado “um profissional sereno, metódico e estudioso do futebol” e de preferir times “retrancados e burocráticos, no mais puro estilo europeu” ( FARIAS, 2014, p. 84). O treinador não tinha grande histórico no futebol brasileiro. Foi campeão brasileiro pelo Fluminense em 1984, mas pegou o time já montado e nos últimos seis jogos até o título. Aí passou por diversas seleções do mundo árabe e conseguiu o feito de classificar o pequeno Emirados Árabes à Copa de 1990. Em 1991, Parreira herdou o ótimo time do Bragantino, organizado por Vanderlei Luxemburgo nos dois anos anteriores, e o levou ao vice-campeonato brasileiro, derrotado pelo São Paulo.

Parreira já havia treinado a seleção brasileira uma década antes. Em 1983, sua façanha de levar o Kuwait à Copa do Mundo de 1982, na Espanha, lhe credenciou para assumir o lugar de Telê Santana. Não foi bem. Foram 5 vitórias, 7 empates, 2 derrotas, mal futebol e o vice na Copa América. Foi demitido. Em 1991, Parreira que havia sido o preparador físico da seleção Tricampeã em 1970, chamou o velho parceiro Mário Jorge Lobo Zagallo para a comissão técnica. “Até o final de 1992, Parreira viveu um período de calma” (RIBAS, 2018, p. 190) à frente da seleção. Ao todo, foram 10 vitórias, 1 empate e 2 derrotas para o Uruguai.

Os problemas aconteceriam nas eliminatórias, em 1993.

Como se vê, entre 1990-1994, o “futebol arte” brasileiro estava em crise diante das transformações físicas e táticas do futebol europeu. As tentativas de respostas feitas por Sebastião Lazzaroni e Falcão não surtiram efeito. Foram as atuações do São Paulo Futebol Clube (SPFC) comandado pelo mestre Telê Santana que recuperou a moral, revelou novos craques, fez o país voltar a conquistar títulos internacionais e consolidou uma nova forma de jogar que seria a característica do futebol brasileiro nos anos 1990:

“O São Paulo não era um time de posse de bola, nem de contra-ataque. Não era uma equipe reativa, nem construtiva. Era uma equipe [...] O novo desenho com quatro homens no meio campo ajudou o Brasil a superar a crise provocada pelas transformações no futebol mundial. O São Paulo de 1992 foi um dos clubes que começou a empregar um 4-4-2 com dois atacantes de movimentação” (COELHO, 2018, p. 194-195) 233

Depois de dois vice-campeonatos nacionais (1989 e 1990), o São Paulo conquistou o Brasileiro de 1991 sobre o Bragantino de Parreira. No segundo semestre, venceu o Paulista sobre o rival Corinthians e no primeiro semestre de 1992, o título da Copa Libertadores da América (desde 1984 que nenhum time brasileiro chegava sequer à final da competição) sobre o revolucionário Newell’s Old Boys da Argentina (WILSON, 2016). No mesmo primeiro semestre de 1992, aconteceu o campeonato brasileiro. O São Paulo chegou à última rodada dependendo

apenas dele para ir à final (seria a quarta seguida), mas a maratona de jogos pesou e o time foi goleado pelo Vasco da Gama de Bebeto e Edmundo. Parreira valeu-se da base do SPFC (que ainda venceria o paulista de 1992, a Libertadores de 1993 e os Mundiais de 1992 e 1993) para suas primeiras convocações na seleção brasileira: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldão, Válber, Leonardo, Raí, Muller, Palhinha e Elivelton eram presença constante nas listas de convocação até a Copa de 1994.

Apesar dos apelos da torcida vascaína para o time entregar o jogo ao São Paulo, o resultado levou o ótimo time do Flamengo à final do campeonato Brasileiro de 1992 contra o esforçado Botafogo de Márcio Santos, Renato Gaúcho e o veloz Valdeir. O Flamengo era liderado pelos experientes Gilmar, Wilson Gottardo e Júnior, mesclados com jovens promissores como Zinho, Nélio, Paulo Nunes e Djalminha. Foi o quarto título do Flamengo. Aos 38 anos, Júnior ganhou o troféu Bola de Ouro da revista *Placar*, como o craque do campeonato. Também Mauro Silva (Bragantino), Cafu (São Paulo) e Renato Gaúcho (Botafogo) ganharam o prêmio da revista. Bebeto (Vasco da Gama) foi o artilheiro. As revelações foram Edmundo (Vasco da Gama) e Palhinha (São Paulo).

Em entrevista à *Placar*, Parreira diz ter gostado do campeonato nacional. Elogiou o São Paulo, Vasco e Flamengo como equipes “eficientes e modernas” que avançaram “na marcação” e lembrou que mesmo o sempre ofensivo Telê Santana utilizou “um esquema

com dois cabeças-de-área e o resultado foi ótimo”. A revista lembrou que nomes como Bebeto, Mauro Silva e Valdeir estavam de saída para o futebol europeu. O treinador da seleção respondeu: “faremos experiências apenas com os que permanecerem no Brasil, em todos os jogos que disputaremos este ano. A Seleção, mesmo, somente será montada nas Eliminatórias, quando teremos os jogadores que atuam na Europa à nossa disposição”<sup>xlvi</sup>.

Uma semana antes do amistoso em Paranaíba, o técnico Parreira fez a convocação de 22 atletas. Goleiros Carlos (Palmeiras) e Gilmar (Flamengo); Laterais Luiz Carlos Winck (Vasco), Charles (Flamengo), Roberto Carlos (União São João de Araras/SP) e Lira (Fluminense); Zagueiros Válber (São Paulo), Ronaldão (São Paulo), Paulão (Grêmio) e Célio Silva (Internacional); Meias Luisinho (Vasco), Axel (Santos), Júnior (Flamengo), Palhinha (São Paulo), Raí (São Paulo) e Zinho (Flamengo); atacantes Renato Gaúcho (Cruzeiro), Almir (Santos), Muller (São Paulo), Edmundo (Vasco), Elivelton (São Paulo) e Paulo Sérgio (Corinthians). Como se vê, apenas jogadores que atuavam no Brasil e muitos dos SPFC. Todos jogaram pelos seus clubes nos campeonatos estaduais de domingo.

Houve questionamentos na imprensa sobre a lista dos convocados. O curitibano *Correio de Notícias* queria o jovem zagueiro Gralak “muito melhor do que todos os zagueiros de área convocados”, campeão do Brasileiro da segunda-divisão com iniciante o Paraná

Clube,<sup>xlviii</sup>. O *Estadão* repercutiu que o meia Neto (Corinthians) não tinha espaço na seleção de Parreira por conta das indisciplinas (recebeu suspensão por cuspir em um árbitro e se revoltou ao ser substituído por Paulo Sérgio em jogo do Paulista). O atacante Paulo Sérgio, reserva no Corinthians, era constantemente convocado porque Parreira “tornou-se fã do estilo agressivo e da obediência tática do ponta”<sup>xlix</sup>. A *Folha* foi mais incisiva quanto à convocação. Chamou-a de “Seleção C”, mas reconheceu que o jogo era uma grande oportunidade para alguns atletas, em especial o estreante Axel<sup>l</sup>.

Apesar disso, o técnico Parreira elogiava a “seleção doméstica”, ótima oportunidade para “saber qual será o desempenho destes atletas vestindo a camisa amarela”. Ao mesmo tempo, reconhecia a dificuldade diante da “evasão dos atletas para o futebol europeu”<sup>li</sup>, que estaria “prejudicando sensivelmente o entrosamento” da equipe<sup>lii</sup>. Como mostra Paulo Vinícius Coelho (2009), entre final dos anos 1980 e a Copa de 1994 houve grande êxodo de atletas brasileiros rumo à Europa. Se na Copa de 1986 havia nove titulares em times brasileiros, na Copa de 1990 eram apenas dois (Taffarel do Internacional e Mauro Galvão do Botafogo, mas já negociado com um clube da Suíça) e na final da Copa de 1994 apenas o meia Zinho (Palmeiras). Naquele final de setembro de 1992, o meia Raí estava sem contrato com o São Paulo e muito se especulava a sua venda para o pequeno Albacete da Espanha<sup>liii</sup>.

Na grande imprensa paulista é possível observar outras discussões. Muller e Júnior eram os únicos convocados já com experiência em Copas do Mundo. À *Folha*, o atacante, que formou dupla com Careca na Copa de 1990, disse ter recusado propostas para voltar à Europa por preferir permanecer no São Paulo e que pretendia disputar a Copa de 1994. Após o sucesso no Brasileiro e a premiada convocação, o veterano meia Júnior ironizou os críticos, se disse preparado para atuar nas Eliminatórias de 1993 e até na Copa de 1994. Por fim, provocou um tema delicado e mal resolvido da Copa de 1990: “Não estava lá. Mas dizem que em 90 os ‘estrangeiros’ chegavam lá com a maior banca, querendo mandar no time. Comigo aqui isso vai ser muito difícil”<sup>liv</sup>.

Apesar da surpreendente campanha na Copa de 1990<sup>lv</sup>, toda a imprensa foi unânime em afirmar que a seleção da Costa Rica era muito fraca<sup>lvi</sup>. O sincero meia Júnior pensava o mesmo e via obrigação do Brasil em vencer o amistoso<sup>lvii</sup>. Apenas 17 atletas foram convocados pelo técnico Hector Nunes e chamou atenção do *JP* a ausência de Caiaso, considerado o melhor jogador do país, “criando um clima de insatisfação na torcida e entre os próprios jogadores”<sup>lviii</sup>. Segundo o *Diário do Noroeste*, houve rumores de cancelamento da partida por conta de uma greve dos jogadores e a seleção só chegou à Maringá no meio da tarde de terça-feira<sup>lix</sup>. Apesar de tudo isso, Parreira mantinha a polidez característica, pregava respeito ao adversário que via melhor do que em 1990<sup>lx</sup>.



O Brasil jogou com Carlos; Luiz Carlos Winck (Charles), Válber, Ronaldão e Roberto Carlos (Lira); Axel (Luisinho), Júnior (Palhinha) e Raí; Renato Gaúcho (Edmundo), Muller (Almir) e Elivelton (Zinho). A seleção venceu por 4 x 2, com três gols de Raí e um de Renato Gaúcho. Muller e Raí aproveitaram o entrosamento do SPFC e foram os melhores em campo. No primeiro tempo, Muller sofreu falta na entrada da área, que Raí cobrou, marcando o primeiro gol. Depois, Muller arrancou pela esquerda e cruzou para Raí finalizar de chapa. A Costa Rica descontou numa jogada pelo lado direito da zaga brasileira e Carlos saiu mal do gol. No terceiro, Muller roubou a bola do adversário dentro da área e sofreu pênalti. Raí marcou mais um. No segundo tempo, uma cobrança de falta, quase do meio do campo, Carlos aceitou e a Costa Rica fez o segundo. Para fechar o placar, Zinho fez boa jogada pela esquerda e cruzou para Renato Gaúcho, que teve tempo de ajeitar e finalizar<sup>lxvi</sup>.

A imprensa analisada foi mais uma vez unânime. O jogo foi ruim. Para o *Correio de Notícias*, foi “chocho” e só Raí mereceu deferência: “É o melhor jogador brasileiro, sem dúvida [...] e deve esta sua ascensão ao Telê”<sup>lxvii</sup>. Para a *Folha*, a “Seleção C” venceu com dificuldades, mas Raí “fez seu show particular” que o credencia para manter a titularidade com a “volta dos ‘estrangeiros’”<sup>lxviii</sup>. Parreira disse que o amistoso serviu para avaliar os jogadores que atuam no Brasil, que o importante é a vitória para “recuperar de vez a imagem vencedora”<sup>lxix</sup>,

amenizou a falha do goleiro Carlos e esperava contar com jogadores estrangeiros para o amistoso contra a Alemanha em dezembro, quando não poderia contar com os atletas do SPFC<sup>lxx</sup>.

As reclamações do treinador ficaram para o bagunçado calendário do futebol brasileiro que obrigava a seleção a se reunir na véspera dos amistosos e fazer apenas um rápido treinamento tático, “mas de outra forma a seleção acaba não jogando”, comentou o treinador<sup>lxxi</sup>. Mais que isso, obrigava os jogadores a uma insana maratona de jogos. “É um calendário criminoso, só isso. Estraga qualquer trabalho”, disparou Parreira. O SPFC disponibilizou um jatinho para buscar seus atletas em Maringá na mesma madrugada após a partida. Todos entraram em campo na noite de quinta-feira na vitória sobre o Botafogo de Ribeirão Preto pelo estadual e voltariam a campo no domingo contra o Santo André. Os do Flamengo enfrentariam o Bangu na sexta e o Itaperuna no domingo<sup>lxxii</sup>.

## Considerações Finais

Um dia depois do amistoso da seleção brasileira em Paranaíba, quando a torcida local expressou sua opinião com a faixa “Torcida *Impeachment* – Fora Collor” e vaias ao deputado collorido Onaireves Moura, a Comissão Especial da Câmara aprovou o relatório favorável ao *impeachment* do presidente. Na terça-feira da semana seguinte (29/09), o Plenário por 441 votos a favor, 38 contrários, uma abstenção e 23

ausentes, deu seguimento ao processo. Na bancada do Paraná, apenas os deputados Abelardo Lupion (PFL) e Basílio Villani (PDS) votaram contra e o deputado Edi Siliprandi (PDT) faltou à sessão. Dos deputados citados neste artigo, Pinga-Fogo de Oliveira (PRN) e Onaireves Moura (PTB) preferiram seguir a onda do “Fora Collor”, traíram o amigo presidente e votaram a favor do *impeachment*. Já na quinta-feira (01/10), o Senado recebeu o processo e afastou Collor. O vice, Itamar Franco, assumiu interinamente a presidência no dia seguinte, sexta-feira (02/10), a dois dias das eleições municipais em todo o país.

Onaireves Moura, o deputado e presidente da FPF responsável por levar a seleção brasileira ao Paraná em três oportunidades entre 1991-1992, teve seu mandato cassado no ano seguinte. Em outubro de 1993, o ex-governador Álvaro Dias, presidente nacional do PP denunciou que Onaireves Moura e outros parlamentares estavam oferecendo US\$ 85 mil dólares para que deputados migrassem para o PSD. O partido havia saído de 6 para 21 deputados em poucos dias. Em dezembro, a Câmara cassou o mandato de três parlamentares do PSD e Onaireves ficou inelegível<sup>lxviii</sup>. Voltou então ao comando da FPF, onde manteve-se “envolvido em uma série de escândalos e processos judiciais”, sendo preso diversas vezes<sup>lxix</sup>. Finalmente, em 2007 deixou a presidência da FPF, função que ocupava desde 1985.

A imprensa paulista comentou que o amistoso em Paranaíba servia de campanha eleitoral para que o prefeito municipal conseguisse eleger seu sobrinho como sucessor. Fato é que onze dias depois dos três gols de Raí e um de Renato Gaúcho na inauguração do estádio, o povo paranavaense elegeu<sup>lxx</sup> José Augusto Felipe (PMDB), sobrinho do prefeito Rubens Felipe (PMDB). A vantagem para o segundo mais votado foi de apenas 680 votos. Durante muitos anos, embora o nome oficial do estádio fosse Estádio Municipal, o povo o apelidou de “Felipão” em homenagem à família de empresários/políticos da cidade. Atualmente se chama Estádio Doutor Waldemiro Wagner.

O jornal *Correio de Notícias*, de Curitiba, **237** mostrou a esperança de que o amistoso servisse para que os dirigentes locais fizessem com que Paranaíba aparecesse “com um time nos próximos campeonatos”<sup>lxxi</sup>. O ACP ficou em vigésimo lugar no campeonato estadual de 1991 e acabou rebaixado. Em 1992, venceu a segunda divisão. Ao longo da década de 1990, a melhor colocação foi um quinto lugar em 1996. No mais, a equipe sempre ficou nas últimas colocações. Apenas em 2003 foi vice-campeão e levantou o título de 2007. Porém, voltou a rotina de acessos e rebaixamentos. Parreira e a seleção brasileira passaram por momentos de turbulência em 1993. Seguidos empates em amistosos, eliminação nas quartas-de-final da Copa América e a classificação nas Eliminatórias da Copa de 1994 apenas na última rodada

resultaram em fortes críticas da imprensa e da torcida.

Este artigo evidencia que, a partir do interesse pelo futebol – ou qualquer outro evento cultural –, é possível estimular que estudantes de variados níveis se interessem pela História. Há corrente dificuldade para entusiasmar os estudantes ao contato direto com fontes primárias para pesquisa e estudo. Mesmo que o futebol seja o estopim, como neste caso, o contato com os jornais da época da inauguração do Estádio Municipal de Paranaíba leva a perceber que havia algo além das quatro linhas: intrigas entre políticos de cidades vizinhas; inauguração de obra às vésperas de eleição municipal; tentativa de lucrar politicamente com uma partida de futebol e no contexto de *impeachment*, políticos regionais tentando se livrar da pecha de “collorido”.

Em suma, a partir de um evento cultural, é possível não apenas ampliar o conhecimento sobre outros acontecimentos políticos, econômicos e sociais, levantar discussão sobre o papel da imprensa e relacionar o futebol com a política e a sociedade, mas também servir de estímulo a novas pesquisas historiográficas, permitir ao estudante o primeiro contato com fontes primárias ou com determinados acontecimentos. Ao folhear um jornal em busca de informações sobre o futebol, o estudante também toma contato com notícias da política nacional e internacional, economia, cotidiano, cultura e outros assuntos que ele desconhecia ou conhecia parcialmente.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rodrigo de. **A era Collor: da eleição ao impeachment**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012.

COELHO, Paulo Vinícius. **Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2009.

COELHO, Paulo Vinícius. **Escola brasileira de futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

FARIAS, Airton de. **Uma história das Copas do Mundo: futebol e sociedade**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.

FONSECA, Francisco. **O Consenso Forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005. 238

FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUILHERME, Cássio Augusto. **1989: história da primeira eleição presidencial pós-ditadura**. Jundiá: Paco Editorial, 2019.

RIBAS, Lycio Vellozo. **O livro de ouro das Copas**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

SALLUM JR, Brasílio. **O impeachment de Fernando Collor: sociologia de uma crise**. São Paulo: editora 34, 2015.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Onde a Arena vai mal, um time no Nacional: a criação do Campeonato Brasileiros de Futebol em 1971**. Rio de Janeiro: editora Multifoco, 2015.

SILVA, Marcos Sérgio. **O Brasil nas Copas.**

São Paulo: Alameda, 2010.

WILSON, Jonathan. **A pirâmide invertida: a**

história da tática no futebol. Campinas: Editora

Grande Área, 2016.

## NOTAS

<sup>i</sup> Professor da Faculdade de História (FaHist) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

<sup>ii</sup> Entre 1991 e 1993, a seleção brasileira de futebol disputou amistosos em cidades de médio porte como Londrina e Paranaíba (PR), Uberlândia e Varginha (MG), Campina Grande (PB) e Ribeirão Preto (SP), além de capitais de estados sem muita tradição futebolística no cenário nacional, como Cuiabá (MT) e Campo Grande (MS).

<sup>iii</sup> A *Revista Placar (RP)*; dois jornais da grande imprensa paulista, o jornal *Folha de S. Paulo (FSP)* e *O Estado de S. Paulo (OESP ou Estadão)*; o curitibano *Correio de Notícias (CN)*; dois jornais de Maringá, *O Diário (OD)* e *Jornal do Povo (JP)*; e o jornal *Diário do Noroeste (DN)*, único periódico da cidade de Paranaíba.

<sup>iv</sup> *Jornal FSP*, dia 24/09/1992, p. 1-6.

<sup>v</sup> *Jornal OESP*, dias 22/09/1992, p. 9 e 24/09/1992, p. 11. *Jornal FSP*, dias 22/09/1992, p. 1-10, 24/09/1992, p. 1-13 e 25/09/1992, p. 1-10.

<sup>vi</sup> *Jornal FSP*, dia 22/09/1992. P. 1.

<sup>vii</sup> *Jornal FSP*, dia 24/09/1992, p. 1-10.

<sup>viii</sup> *Jornal OESP*, dia 25/09/1992, p.4.

<sup>ix</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09, p.5. *Jornal FSP*, dia 22/09, p. 1-9.

<sup>x</sup> *Jornal FSP*, dia 24/09/1992, p. 1-11.

<sup>xi</sup> *Jornal FSP*, dia 25/09/1992, p. 1-8.

<sup>xii</sup> *Jornal FSP*, dia 23/09/1992, p. 1-10 e 1-12. *Jornal OESP*, dia 23/09/1992, p. 6.

<sup>xiii</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09/1992, p. 3.

<sup>xiv</sup> *Jornal FSP*, dia 22/09/1992, p. 1-9, 23/09/1992, p. 1-4 e 25/09/1992, p. 1-10.

<sup>xv</sup> *Jornal OESP*, 23/09/1992, p.6 e 24/09/1992, p. 9. *Jornal FSP*, dia 24/09/1992, p. 1-12 e 25/09/1992, p. 1-7.

<sup>xvi</sup> Antonio Barbara (PRN), Carlos Roberto “Ratinho” Massa (PRN), Ivanio Guerra (PFL), Abelardo Lupion (PFL) e Basílio Vilani (PDS).

<sup>xvii</sup> Antonio Ueno (PFL), Edi Siliprandi (PDT), Matheus Iensen (PTB), Onaireves Moura (PTB), Otto Cunha (PRN), Pinga-Fogo de Oliveira (PRN), Renato Johnsson (PRN) e Werner Wanderer (PFL).

<sup>xviii</sup> Famoso radialista na região Norte do Paraná, foi o segundo mais votado no estado.

<sup>xix</sup> *Jornal OD*, dia 25-09/1992 e 26-09/1992.

<sup>xx</sup> *Jornal OESP*, dia 18/09/1992, p. 7. *Jornal FSP*, dia 18/09/1992, p. 1-11.

<sup>xxi</sup> *Jornal CN*, dia 24/09/1992 e 25/09/1992.

<sup>xxii</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09/1992, p. 21. *Jornal FSP*, dia 22/09/1992, p. 3-6.

<sup>xxiii</sup> *Jornal DN*, dia 23/09/1992 e 24/09/1992.

<sup>xxiv</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09/1992, p. 21.

<sup>xxv</sup> *Jornal DN*, dia 20/09/1992.

<sup>xxvi</sup> *Jornal OESP*, dia 23/09/1992, p. 21.

<sup>xxvii</sup> *Jornal DN*, dia 22/09/1992.

<sup>xxviii</sup> *Jornal CN*, dia 22/09/1992.

<sup>xxix</sup> *Jornal JP*, dia 22/09/1992.

<sup>xxx</sup> *Jornal OESP*, dia 23/09/1992, p. 21.

<sup>xxxi</sup> *Jornal OD*, dia 23/09/1992.

<sup>xxxii</sup> *Jornal OESP*, dia 23/09/1992, p. 21.

<sup>xxxiii</sup> Entre maio e setembro de 1992, o salário mínimo era de Cr\$ 230 mil. Em setembro ele foi corrigido para Cr\$ 522 mil.

<sup>xxxiv</sup> *Jornal JP*, dia 20/09/1992 e 22/09/1992. *Jornal OD*, dia 22/09/1992.

<sup>xxxv</sup> *Jornal JP*, dia 20/09/1992.

<sup>xxxvi</sup> *Jornal OD*, dia 23/09/1992.

<sup>xxxvii</sup> *Jornal JP*, dia 24/09/1992.

<sup>xxxviii</sup> *Jornal JP*, dia 23/09/1992 e 24/09/1992.

<sup>xxxix</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09/1992, p. 21.

<sup>xl</sup> *Jornal DN*, dia 23/09/1992.

<sup>xli</sup> *Jornal DN*, dia 25/09/1992.

<sup>xlii</sup> *Jornal FSP*, dia 25/09/1992, p. 3-5.

<sup>xliiii</sup> *Jornal DN*, dia 24/09/1992, 25/09/1992 e 16/09/1992.

<sup>xliiv</sup> *Jornal OD*, dia 25/09/1992.

<sup>xli v</sup> *Jornal DN*, dia 26/09/1992 e 27/09/1992.

<sup>xli vi</sup> *Jornal OESP*, dia 21/08/1991, p. 19.

<sup>xli vii</sup> *Revista Placar*, n. 1074, agosto de 1992, p. 10.

<sup>xli viii</sup> *Jornal CN*, dia 23/09/1992.

<sup>xli x</sup> *Jornal OESP*, dia 23/09/1992, p. 21.

<sup>i</sup> A “Seleção A” seria formada por: Taffarel; Jorginho, Mozer, Ricardo Gomes e Branco; Mauro Silva, Luiz Henrique e Raí; Bebeto, Careca e Romário. A “Seleção B” teria Taffarel, Ricardo Rocha, Antônio Carlos, Aldair e Leonardo; Dunga, Mazinho e Valber; Valdeir, Casagrande e João Paulo. À exceção de Raí, todos atuando na Europa. *Jornal FSP*, dia 22/09/1992, p. 3-6.

<sup>ii</sup> O treinador lamentou as recentes vendas de Bebeto, Mauro Silva, Antônio Carlos, Valdeir e Luiz Henrique.

<sup>iii</sup> *Jornal JP*, dia 19/09/1992 e 22/09/1992.

<sup>iiii</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09/1992, p. 22.

<sup>lv</sup> *Jornal OESP*, dia 22/09/1992, p. 22. *Jornal FSP*, dia 22/09/1992, p.3-6 e 23/09/1992, p. 3-6.

<sup>lv</sup> A equipe se classificou para a segunda fase como segundo colocado no Grupo C com vitórias sobre Escócia e Suécia e uma única derrota, para o Brasil (1 x 0). Nas oitavas foi goleada e eliminada pela forte seleção da Tchecoslováquia.

<sup>lvi</sup> A equipe não conseguiu se classificar para a Copa de 1994. Terminou em quinto a Eliminatória da Concacaf.

<sup>lvii</sup> *Jornal FSP*, dia 23/09/1992, p. 3-6.

<sup>lviii</sup> *Jornal JP*, dia 23/09/1992.

<sup>lix</sup> *Jornal DN*, dia 17/09/1992. *Jornal OD*, dia 23/09/1992.

<sup>lx</sup> *Jornal OESP*, dia 23/09/1992, p. 21.

<sup>lxi</sup> Os gols podem ser vistos no *YouTube* em “Amistoso 1992: Brasil 4 x 2 Costa Rica”, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=2pKOVswrgGw>

<sup>lxii</sup> *Jornal CN*, dia 25/09/1992.

<sup>lxiii</sup> *Jornal FSP*, dia 24/09/1992, p. 3-2.

<sup>lxiv</sup> *Jornal FSP*, dia 25/09/1992, 3-5.

<sup>lxv</sup> *Jornal OESP*, dia 24/09/1992, p. 27 e 25/09/1992, p. 23.

<sup>lxvi</sup> *Jornal DN*, 23/09/1992.

<sup>lxvii</sup> *Jornal FSP*, dia 25/09/1992, p. 3-5.

<sup>lxviii</sup> *Jornal OESP*, 05/10/1993, p. 4, 08/10/1993, p. 6, 06/12/1993, p.11 e 16/12/1993, p. 11.

<sup>lxix</sup> CPDoc/FGV – verbete “Onaireves Nilo Rolim de Moura”. Link: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/onaireves-nilo-rolim-de-moura>

<sup>lxx</sup> Em números totais: José Augusto Felipe (PMDB) obteve 14.624 votos; Antônio Teruo Kato (PDC) recebeu 13.944 e Walmor Trentini (PDT) ficou com 7.639 votos.

<sup>lxxi</sup> *Jornal CN*, dia 25/09/1992.

Recebido em: 08/06/2019.

Aprovado em: 05/07/2019.

Publicado em: 31/08/2019.